



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**DOS CONTOS DE FADAS AO DESENHO ANIMADO NO IMAGINÁRIO
INFANTIL**

ZENEIDE NEGRÃO DE MOURA

NATAL-RN

2016

ZENEIDE NEGRÃO DE MOURA

**DOS CONTOS DE FADAS AO DESENHO ANIMADO NO IMAGINÁRIO
INFANTIL**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Ms. Emanuela Carla Medeiros de Queiros.

NATAL-RN

2016

DOS CONTOS DE FADAS AO DESENHO ANIMADO NO IMAGINÁRIO INFANTIL

Por

ZENEIDE NEGRÃO DE MOURA

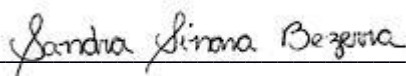
Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA



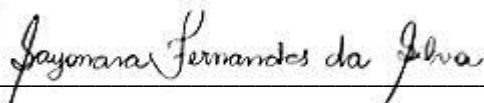
Ms. Emanuela Carla Medeiros de Queiros (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Ms. Sandra Sinara Bezerra

Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar



Ms. Sayonara Fernandes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Aos meus pais,
que sempre se dedicaram a minha
educação e me apoiaram em minhas
escolhas.*

*As minhas filhas,
que me levaram ao mundo da
educação e por me mostrarem a cada
dia a beleza da vida.*

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que fizeram parte da minha formação ao longo do curso.

A coordenadora do curso de Pedagogia à Distância, Maria Cristina Leandro de Paiva, por sempre estar disponível a ajudar nas diversas situações.

As professoras Flavia Juliana e Deise Cristina pela colaboração com os estágios supervisionados.

A professora Ana Priscila Grinner que me deu as primeiras orientações em meu trabalho de conclusão de curso.

A minha orientadora Emanuela Carla Medeiros de Queiros por seu excelente trabalho de orientação.

A minha irmã Leiliany que me ajudou nas buscas de referenciais bibliográficos, me incentivando a não desistir.

Aos meus pais, Ruderico e Socorro, pelo amor incondicional e apoio.

Ao meu marido, Pablo, por seu amor e companheirismo nas lutas diárias.

Meus irmãos, Luana e Júnior, por estarem sempre presentes em minha vida.

As minhas filhas, Sofia e Maria Alice, que são parte de mim e me fazem querer ser cada vez melhor.

*Imaginar é mais importante que saber,
pois o conhecimento é limitado enquanto
a imaginação abraça o Universo.*

Albert Einstein

DOS CONTOS DE FADA AO DESENHO ANIMADO NO IMAGINÁRIO INFANTIL

Zeneide Negrão de Moura
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Emanuela Carla Medeiros de Queiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Na atual sociedade, em que as tecnologias estão cada vez mais avançadas e acessíveis, é comum que as crianças utilizem e se adaptem a elas de forma muito rápida, considerando que o desenvolvimento infantil se dá de acordo com a interação com meio. Entretanto, essa integração com o meio tecnológico tem levado a população a novos hábitos, substituindo por exemplo, ouvir e ler contos de fadas para assistir desenhos animados na TV. Nessa perspectiva, o presente trabalho consiste em uma reflexão sobre como os contos de fadas tem perdido espaço para as mídias e como isso pode influenciar no comportamento infantil. Assim, traçou-se como objetivo explorar o que pode ocorrer na substituição massiva da construção do imaginário da criança a partir dos contos de fada pelos desenhos animados. No sentido de desenvolver um trabalho crítico sobre a questão, foram pesquisadas fontes bibliográficas que discorriam sobre o assunto, possibilitando o diálogo sobre um tema que se faz importante por tratar do desenvolvimento infantil na atualidade. Para tanto, são apresentados, no primeiro momento, o conceito e um breve histórico sobre os contos de fadas, apresentando sua importância no imaginário infantil e deste para o desenvolvimento da criança. No segundo momento, é relatada uma breve história dos desenhos animados, como eles passaram a fazer parte do cotidiano das crianças e como isso influencia no imaginário e desenvolvimento infantil. No terceiro momento, é discutido as influências que os contos de fadas e os desenhos animados têm no desenvolvimento infantil, tratando também da substituição dos contos de fadas pelos desenhos animados e a superexposição destes as crianças. Por fim, as considerações finais, que a partir dos pontos de vista contrários e favoráveis à constante utilização da mídia pelo público infantil, visando a importância dos contos de fadas no imaginário e consciente de que não há como ficar blindado contra as tecnologias, evidencia a necessidade de fazer um equilíbrio entre o tempo em que as crianças utilizam a mídia como entretenimento e o tempo em que possam ser entretidas com contos de fadas visando uma formação leitora de qualidade.

Palavras-chave: Contos de fadas. Desenho animado. Imaginário infantil.

ABSTRACT

Nowadays society, when technologies are increasingly advanced and accessible, it is common for children to use and adapt to them very quickly, whereas child development occurs according to the interaction with environment. However, this integration with the technological environment has led the population to new habits by replacing, for example, listening and reading fairy tales to watch cartoons on TV. In this perspective, the present work consists of a reflection on how the fairy tales have lost space for the media and how this can influence children's behavior. Thus, the objective was to explore what can occur in the massive substitution of the child's imaginary construction from fairy tales by cartoons. In order to develop a critical work on the subject, a bibliographical review was carried out to allow the dialogue on a theme that becomes important because it deals with the development of children. Therefore, the concept and a brief history about fairy tales are presented at the first moment, showing their importance to children's imagination and the relevance of this to the development of the child. In the second moment, it is reported a brief history of cartoons, how they came to be part of children's daily life and how it influences children's imagination and development. In the third moment, the influence of fairy tales and cartoons on child development is discussed, as well as the substitution of fairy tales for cartoons and overexposure of children. Lastly, the final considerations, from both contrary and favorable points of view about the constant use of the media by the children's audience, aiming at the importance of fairy tales in the imaginary and the awareness that there is no way to be protected against technologies. This highlights the need to balance the time when children use the media as entertainment and the time when they can be entertained with fairy tales to ensuring quality reading education.

Keywords: Fairy tale. Cartoon. Imaginarium.

INTRODUÇÃO

O ser humano sempre buscou formas de adaptar o meio para ter uma vida mais fácil e confortável, essa busca nos fez chegar aos avanços tecnológicos que vivenciamos hoje. A cada avanço alcançado, houve a necessidade de adaptação da sociedade, que na fase infantil se dá de uma maneira mais rápida. De acordo com uma pesquisa da *Anti-Virus Guard Technologies* em 2012, 69% das crianças aprendem a usar um computador antes de desenvolverem outras atividades básicas como alimentar-se sozinha ou amarrar os cadarços. Assim, a tecnologia está cada vez mais presente na vida das crianças e isso influencia diretamente no seu desenvolvimento. A teoria construtivista diz que o desenvolvimento de um indivíduo está relacionado às trocas que ele faz com o meio. Dessa forma, o desenvolvimento de um indivíduo precede o ambiente escolar, iniciando-se em seu contexto familiar, onde a criança desenvolve suas primeiras habilidades.

No passado, quando não havia computadores, as crianças se envolviam com mais frequência em brincadeiras ao ar livre, aprender a andar de bicicleta e nadar, por exemplo, tornaram-se habilidades tradicionais no desenvolvimento infantil de uma determinada época. Porém, essas habilidades estão perdendo espaço para outras atividades do meio virtual, do mesmo modo que os contos de fadas têm perdido espaço para os desenhos animados.

Essas mudanças têm levado a questionamentos sobre os impactos causados. Santos (2015) aponta, em uma publicação sobre o uso de tecnologias por crianças, consequências do contato excessivo com esses novos suportes midiáticos, apresentando a visão da terapeuta canadense Cris Rowan (2010) que defende que o uso de tecnologia por menores de 12 anos é prejudicial ao desenvolvimento e aprendizado infantis, em que o uso imoderado das tecnologias como televisão, celulares e internet relacionam-se a problemas como déficit de atenção, atrasos cognitivos, dificuldades de aprendizagem, entre outros.

Por outro lado, alguns hábitos são vistos como positivos para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, como ler e ouvir histórias, especificamente neste artigo tratamos dos contos de fadas. Autores como Bettelheim (2014) e Cruz (2014) defendem a importância desse gênero para o desenvolvimento infantil. O primeiro autor tem a visão de que o conto de fada desenvolve a personalidade da criança ao mesmo tempo em que a diverte, haja visto que os contos oportunizam o autoconhecimento. O segundo autor destaca o reconhecimento que Clive

Staples Lewis¹ (C.S. Lewis) tem pelos contos de fadas em sua vida, fazendo dele um homem crítico e criativo, o que esperamos de melhor para uma criança em seu processo de formação.

Por outra ótica, autores como Brougère (2008) e Pacheco (1998) acreditam no desenvolvimento da imaginação da criança através do desenho animado, onde o primeiro autor vê na facilidade do acesso aos desenhos animados uma quebra de paradigmas, em que crianças de diferentes realidades sociais podem brincar de igual para igual. E o segundo autor acredita que os desenhos animados com seus sons, imagens, movimentos e cores levam as crianças à construção do saber, através das construções e reconstruções realizadas pelas próprias crianças.

Nessa direção, tem o interesse do mercado que passou a usar os desenhos animados como veículo para levarem consumidores a comprarem seus produtos exageradamente. Em seus estudos, Cainzos (1998) revela o negócio que é o mercado infantil, onde os anunciantes já perceberam a influência que as crianças têm na hora das compras com os pais. Desse modo, o mercado produz personagens fictícios em seus produtos, envolvendo narrativas compostas de imagem, música, áudio e consumo, fazendo com que o valor ideológico oculte à formação do imaginário, investindo todas as suas cartadas no pequeno expectador-consumidor. Os contos de fadas são alvo dessa indústria de massa.

Outro ponto a ser discutido neste artigo é como o desenho animado tornou-se tão comum ao cotidiano da família moderna. Por se tratar de um entretenimento de fácil acesso, ocupando as crianças por horas e horas, permitindo aos pais sistematizarem melhor seu tempo nessa sociedade em que 24h é pouco para um único dia, o desenho na TV tem ganhado um espaço além do normal na vida cotidiana de crianças. Se o tempo é curto, as famílias não têm mais tempo de contar histórias e por isso não as leem mais com tanta frequência. Voltados para a praticidade, os familiares mantêm os olhares focados nas telas de seus respectivos aparelhos, as interações do tempo contemporâneo alteram-se e conduzem as relações ao afastamento quando tudo é resolvido por meio dos aplicativos digitais, transformando o “conta outra vez” em “coloca outra vez”.

Nessa observância, percebe-se a relação que os contos de fadas têm com o imaginário infantil, acreditando que as narrativas e personagens encontradas ajudam a lidar com os conflitos internos das crianças. Entretanto, conscientes de que os desenhos animados estão associados as grandes corporações empresariais, é importante refletir sobre as influências desta base comercial sobre a imaturidade das crianças em relação à persuasão do mercado, uma vez

¹ Clive Staples Lewis (1898 - 1963) autor e escritor irlandês, renomado por seu trabalho literário e teológico. Conhecido pela série de livros "As crônicas de Nárnia". Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/c_s_lewis/biografia/

que as mesmas ficam perdidas diante de tantas informações de bens de uso e de consumo impostas como uma necessidade pelos anúncios divulgados nas variadas mídias.

Frente a essas opiniões, este artigo apresenta a preocupação acerca da troca dos contos de fada, em sua forma literária clássica, os que precisam ser lidos e contados, supridos pelos desenhos animados. Foram pesquisadas fontes bibliográficas que discorram sobre conceitos teóricos e históricos como a prática da leitura de literatura, imaginário, desenvolvimento infantil, contos de fadas e desenhos animados, a partir de autores como Frank Smith (1991), Alessandra Freitas (2010), Cecília Meireles (1984), Marcel Postic (1993), Vigotsky (1998), Bruno Bettelheim (2014), Paulo Cruz (2014), Gilles Brougère (2008), Elza Pacheco (1998), Raquel Salgado (2006), Rita Marisa Pereira (2006) e Solange Jobim e Souza (2006). A metodologia parte de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que justifica-se por se tratar de um assunto que precisa ser pensado, repensado, discutido e alertado para compreendermos a presença da literatura, especificamente dos contos de fadas no cenário atual.

No sentido de desenvolver um trabalho crítico sobre a questão, este artigo foi organizado em três tópicos. O primeiro, *Os contos de fadas e o imaginário*, discorrerá sobre a importância dos contos de fadas no imaginário infantil e deste para o desenvolvimento da criança. No segundo, *O desenho animado no cotidiano infantil e o imaginário*, mostrará como os desenhos animados passaram a fazer parte do cotidiano das crianças e como isso influenciou no seu imaginário e desenvolvimento. No terceiro e último, *Os contos de Fadas e os Desenhos Animados: reflexões sobre a influência na formação do imaginário infantil*, discutirá as atuações desses entretenimentos no desenvolvimento infantil, tratando também da substituição dos contos de fadas pelo desenho animado e sua superexposição as crianças.

OS CONTOS DE FADAS E O IMAGINÁRIO

O conto de fada é o gênero literário mais popular para o público infantil e, para dar base às discussões e reflexões propostas neste artigo, é pertinente compreender o conceito de literatura, assim como a origem dos contos de fadas e sua relação com o imaginário.

Há quem ainda confunda literatura com leitura. De acordo com Smith (1991, p.17 apud FREITAS, 2010, p.102) a leitura é uma “atividade construtiva e criativa, tendo quatro características distintas e fundamentais – é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão”. Sendo assim, a leitura é uma ação que resulta em uma interpretação, que pode ser realizada lendo uma poesia, uma música, uma imagem e até uma expressão facial. Já a literatura é uma manifestação artística feita de palavras, que pode refletir a realidade a partir da imaginação ou da combinação do real e o imaginário. Diferente da história que relata

acontecimentos reais, citando os fatos, a literatura é a expressão de todos os povos e culturas, surgindo muito antes da escrita, como afirma Meireles (1984, p. 19):

A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca.

Nessa direção, a história dos contos de fadas começa na França no século XVII através de Charles Perrault (1628 – 1703) que adaptava as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses para torná-las mais agradáveis aos ouvidos do Rei Luiz XIV. As histórias narradas pela sociedade da época não eram voltadas para as crianças, pois refletiam situações e aventuras do dia a dia, cujo conteúdo não lhes eram adequado. Os contos eram lidos por adultos, pelo entusiasmo dos jovens e dos velhos. Discutiam-se o destino do homem, sobre seus sentimentos, problemas, medos e esperanças; sobre sua conexão com o próximo e com o sobrenatural. Assim, podiam meditar sobre o sentido da vida. Com o passar do tempo, esses contos foram sendo adaptados, tornando-se mais apropriados para as crianças e assim chamados de contos de fadas (FARIAS, RUBIO, 2012).

Os contos de fadas se destacam entre os gêneros literários infantis por permitir a criança explorar, através da ficção, situações não vividas. Elas também se identificam com personagens que passam por conflitos similares aos seus, dando-lhes meios de resolvê-los. Atualmente, vivemos em uma sociedade de massa, cada vez mais ligada a tecnologia, onde ouvir contos de fadas está cada vez menos presente no cotidiano das crianças. Será que isso aconteceu porque os contos de fadas não têm mais espaço na atual sociedade? Não, de acordo Bettelheim, (2014, p.11-12), embora,

os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo.

No que se refere ao imaginário, ouvir e ler contos de fadas ajuda em seu enriquecimento. Segundo Cruz (2014), C. S. Lewis, autor da série de livros *As Crônicas de*

Nárnia, acreditava que o sucesso de suas obras era originário da marcante presença que os contos de fadas tiveram em sua vida. Lewis esclarecia que o homem imaginativo nele era mais velho do que o homem crítico e escritor. Nesse exercício de compreender o que há de importante em relação ao imaginário na formação do sujeito, John Ronald Reuel Tolkien² afirma que “os contos de fadas afetam o ser humano de três maneiras: na *Recuperação*, no *Escape* e no *Consolo*” (apud CRUZ, 2014, p.30). A *Recuperação* é o modo que o ser humano tem de voltar a se deslumbrar com o comum; o *Escape*, a forma de ultrapassar o comum; e o *Consolo*, nada mais é que o final feliz, sem negar os problemas que a vida nos traz.

É importante ressaltar que os contos de fadas são narrativas populares folclóricas que retratam uma mistura de realidade e fantasia. Isso permite que a criança busque seu eu, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação com o seu meio social, pois faz com que a criança se reconheça nesse meio. Freitas (2010, p.105) defende a importância da leitura como forma de inclusão na sociedade, pois, segundo ela “a leitura se constitui numa atividade que convida o sujeito a se incluir de forma completa (em específico a leitura de literatura), posto que implica autoconhecimento, que é fundamental para interação do sujeito em qualquer espaço social”.

De acordo com Bettelheim (2014, p. 67) “uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”. Assim, a criança consegue ter uma percepção de si e desenvolver sua personalidade. No mundo das fadas, a criança descobre o modo de ordenar o caos que é sua vida interna, pois a história sugere como isolar e separar os aspectos díspares e confusos da experiência em polos opostos, como o bem e o mal que pode ser comparado com o certo e o errado.

Para Postic (1993, p.19),

imaginar não é só pensar, não significa apenas relacionar fatos, e analisar situações, tirando-lhe significados. Imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão. Esta só poderá ser comunicada ao outro através de símbolos, que provocam harmônicos e estabelecem a comunhão. O símbolo age como mediador para revelar ocultando, ocultar revelando, e ao mesmo tempo, incitar à participação que, embora com impedimentos e obstáculos, fica favorecida.

² John Ronald Reuel Tolkien, (03/01/1892 – 22/09/1973) – escritor inglês, poeta, filologista, e professor de universidade, conhecido por ser autor das célebres e clássicas obras de fantasia, escritor do Senhor dos Anéis. Disponível em <http://www.infoescola.com/biografias/j-r-r-tolkien/>

Sendo assim, as situações e personagens encontrados nos contos de fadas servem como símbolos para as crianças, despertando-lhes a imaginação, podendo viver e reviver tanto as situações prazerosas como buscar soluções para aquelas indesejáveis.

Em relação ao desenvolvimento da criança, este está ligado ao seu inconsciente, pois, como Bettelheim (2014, p.14) afirma:

na criança ou no adulto, o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente é reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, eventualmente a mente consciente da pessoa será em parte dominada por derivados desses elementos inconscientes, caso contrário esta se verá forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá vir a ser gravemente danificada.

E é através da imaginação que o inconsciente será trabalhado para lidar com as frustrações da vida. Bettelheim (2014) conta em seu livro sobre uma garota que resolveu um conflito interno através da imaginação. Para ela, era devastador ver que sua mãe tinha um lado sombrio, um lado que ela abominava. Então, quando sua mãe demonstrava esse lado indesejável, ela passou a acreditar que uma “marciana” tomara o seu corpo e que ali já não era a sua mãe. A criança levou essa fantasia adiante até ter maturidade para compreender que sua mãe realmente tinha um lado negativo, mas que já não a perturbava.

Justamente, por sua pluralidade de possibilidades e particularidades bem como sua minuciosa descrição de prazeres, que os contos de fadas possibilitam a construção de fantasias otimistas, transportando as pessoas de um mundo real, muitas vezes de descontentamento, para uma atmosfera cotidiana mais reconfortante. Assim, os contos oferecem às crianças a capacidade de ver por si mesmas, de maneira objetiva, seus medos e esperanças. Nos contos, os personagens são apresentados tanto pelo seu aspecto de bondade quanto pelo seu lado negativo. Entretanto, a promessa de um final feliz é que causa o efeito benéfico sobre a criança, dando-lhes esperança, mesmo após apresentar inúmeras dificuldades para os personagens.

Por esses motivos é que acreditamos ser relevante refletir sobre o distanciamento entre as crianças e os contos de fadas na atual sociedade, tendo em vista os benefícios que esse gênero literário tem para o desenvolvimento infantil.

OS DESENHOS ANIMADOS NO COTIDIANO INFANTIL E O IMAGINÁRIO

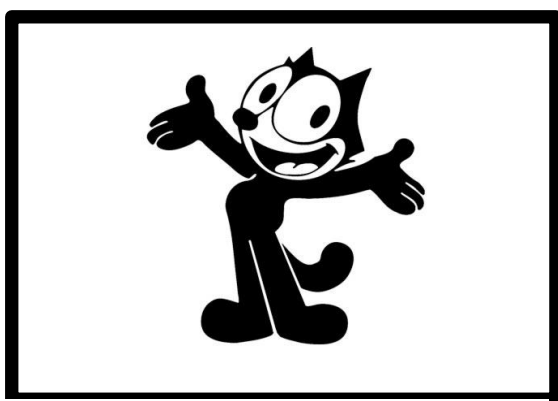
Os desenhos animados estão fazendo cada vez mais parte do cotidiano infantil na atual sociedade. Compreender o surgimento do desenho animado, os motivos que o levam a ser tão

presente no dia a dia das crianças e sua influência no imaginário é essencial para darmos continuidade ao diálogo proposto.

Os desenhos acompanham a evolução da humanidade desde os tempos das cavernas, onde, através das pinturas rupestres, nossos antepassados se expressavam e se comunicavam muito antes da escrita. Entretanto, os desenhos animados, desenhos que saíram da situação estática para o movimento, é uma tecnologia que se desenvolveu ao longo dos últimos 124 anos, onde o primeiro desenho animado, de acordo com Rojas (2012) foi realizado pelo francês Émile Reynaud em 1892.

No início as animações eram mudas, sem cores e de curta-metragem. Eram voltadas para o público adulto, por isso era comum trazerem o humor e o sarcasmo em seus roteiros. Nesse contexto, surgiu o tão conhecido Gato Félix, representado nas imagens abaixo, criado em 1917 e apresentado pela primeira vez em 1919 na animação Feline Follies (Folia Felinas). Rojas (2012) afirma que o risonho gato preto foi o maior astro dos desenhos mudos e o primeiro a ser transmitido pela televisão em 1930.

IMAGEM 1 – GATO FÉLIX



Fonte:<http://filmesedesenhosanimados.com/wp-content/gallery/gato-felix/gato-felix-0.jpg>

IMAGEM 2 – GATO FÉLIX



Fonte:<http://cannabischile.cl/de-ida-y-vuelta-historia-de-un-viaje-estelar/>

Nesse mesmo período, surgiu o famoso Mickey criado em 1928 por Walter Elias, conhecido como Walt Disney. Disney inovou, para sua época, atrelando imagem a som, o que foi uma completa revolução e resultou em um enorme sucesso. Com toda a sua criatividade, Wall Disney estreia em 1932 o primeiro desenho animado colorido, Flores e Árvores. Sendo também o responsável pelo primeiro longa-metragem, A Branca de Neve, clássico dos contos de fadas transformado em animação, lançado em 1937 (ROJAS, 2012).

Num histórico, apresentado pelo blog *Desenhos animados*³, mostra que a partir da década de 40 surgiram novos personagens que são conhecidos até hoje, como Tom e Jerry, Frajola e Piu Piu, Papa-léguas e Pica-pau. No entanto, os desenhos continuavam a explorar a violência e a esperteza como forma de divertimento. Inclusive, o personagem Zé Carioca, criado pela Disney nessa mesma década para representar (de modo pejorativo) os brasileiros, apresentava características sem efeito moral, como escapar das situações desagradáveis que ele mesmo provocou, sem assumir as consequências.

Nas décadas seguintes, quando os desenhos já não eram exibidos só nos cinemas, ficando mais acessíveis as crianças, foi possível ver pequenas mudanças nos conteúdos dos mesmos, de modo a apresentarem problemas comuns ao dia a dia das famílias da sociedade da época e até lição de moral. Essas mudanças foram ainda mais significativas nos anos 90, contudo as lutas ainda faziam parte do seu contexto, não com pancadaria gratuita como entre Papa-léguas e coioote, mas justificadas pela busca de um ideal, visível em desenhos japoneses como *Pokemóm* e *Cavaleiros do Zodíaco*⁴ que passaram a competir com os desenhos americanos.

Com a chegada da animação gráfica, atingiu-se um nível de riqueza de detalhes sobre a imagem, atraindo ainda mais o público infantil. Junto a essa tecnologia veio a internet que também aproximou as crianças aos desenhos, pois por meio da mesma é possível visualizar o desenho desejado a toda hora e em qualquer lugar.

Nessa explosão de produtos animados, criam-se os canais exclusivos de desenho animado cuja publicidade é dirigida diretamente ao público infantil, pois os anunciantes já perceberam há tempos que os desejos das crianças influenciam as compras dos pais, desde brinquedos até o modelo do automóvel novo.

Como afirma Cainzos (1998, p.114).

Atualmente, o mercado infantil é um grande negócio, pois, por um lado, meninos e meninas são induzidos a compra de numerosos produtos, e por outro, são também indutores do consumo dos adultos com os quais convivem; este também é um negócio do futuro, por ser criador de hábitos de compra e estimulador de novas necessidades.

³ Disponível em: <https://desenhosanimado5.wordpress.com/a-historia-do-desenho-animado/>

⁴ Elaborado a partir de mangás criados por Masami Kurumada, é um anime japonês, adaptado pela Toei Animation, transmitido na televisão japonesa de 1986 a 1989 e em outros países nos anos seguintes, tornando-se bastante popular no Brasil. Mais informações disponíveis em: <http://super.abril.com.br/cultura/confira-12-curiosidades-sobre-a-saga-os-cavaleiros-do-zodiaco/>

Desta forma, o mundo paralelo do fantástico (o mercado) se faz atrair e pode influenciar, especialmente, as crianças, as quais passam grande parte de seu tempo diante da televisão ou de outras mídias, tais como tablets e computadores.

Na busca de outras visões, alguns autores defendem a utilização de desenhos para o desenvolvimento infantil. Tais autores veem a mídia em massa como provocadora de fantasias, tendo os desenhos animados como referências comuns ao imaginário infantil na contemporaneidade.

Para Pacheco (1998), os desenhos animados são capazes de resgatar sons, imagens, palavras, cores, movimentos de espaços sociais e culturais muitas vezes desconhecidos, ativando o imaginário pessoal e coletivo. Nesse cenário, os desenhos animados participam da construção de saberes e das produções e reproduções culturais das crianças. Nessa visão, Salgado, Pereira e Souza (2006, p. 165) explicam que:

a cultura lúdica infantil, nos dias de hoje, se apresenta como um espaço social aberto à realização de histórias, brincadeiras e jogos, em que as crianças estão construindo conhecimentos, valores e identidades a partir de constantes diálogos com a cultura midiática global. É cada vez mais evidente o significado que a mídia tem assumido na configuração do repertório imaginativo das crianças ao oferecer-lhes referências simbólicas, narrativas e valores estéticos, que compõem o enredo de suas fabulações, as identidades dos personagens que criam e as linguagens que comunicam e significam suas experiências lúdicas transformadas em textos e imagens.

Durante observações de brincadeiras infantis, é possível perceber a presença de histórias e personagens de desenhos animados. Este fato se dá porque as animações carregam elementos comuns em suas narrativas, nutrindo a imaginação infantil. Além disso, devido ao fácil acesso à mídia na atualidade, crianças de diferentes realidades sociais podem brincar de igual para igual (BROUGÈRE, 2008). Como dito anteriormente, imaginar não é apenas pensar, envolve criatividade que pode se dar com a união da fantasia e o concreto (real). Onde a fantasia é a capacidade de se ter ideias novas, sob a forma de imagens. Enquanto concreto provém de experiências prévias da pessoa.

Dessa forma, pode-se considerar que os desenhos animados também podem auxiliar na formação do imaginário infantil o que deixa margem para a discussão a seguir.

CONTOS DE FADAS E OS DESENHOS ANIMADOS: REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL

Após conceitos, históricos e relações com o imaginário, dos contos de fadas e dos desenhos animados, será desenvolvido neste tópico, reflexões da influência que ambos, associados ao cotidiano da criança possam ter em sua imaginação.

Ao ouvir ou ler um conto de fadas, a criança é convidada a participar da narrativa através da imaginação, permitindo a elas determinarem como serão os personagens e os cenários da história, havendo uma comunicação entre a narração e a imaginação. Isso porque, sendo o conto de fadas um gênero literário, a comunicação é uma das suas características, podendo ser afirmado por Freitas (2010, p.107) ao dizer que “a literatura é por essência também comunicativa, no sentido de pressupor a participação, o envolvimento emocional e cognitivo do leitor”.

Nas crianças, o envolvimento emocional está ligado aos conflitos internos que o infante, muitas vezes, não tem maturidade de superá-los. Porém, as transformações sofridas nas narrativas literárias infantis ao longo dos anos, ocultando perigo e enfatizando um mundo perfeito têm sido objeto de estudos e discussões, sobretudo aquelas encontradas nos contos de fadas da literatura moderna, influenciada pelos contos transformados em desenhos animados. Isso porque, ao amenizar as problemáticas na história, deixando-as menos assustadoras, perde-se o simbolismo de que as crianças precisam para que elas possam lidar com os problemas reais, como afirma Bettelheim (2014, p.15-16):

A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer com segurança. As histórias "seguras" não mencionam nem a morte, nem o envelhecimento – os limites à nossa existência –, nem tampouco o desejo de vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com as dificuldades humanas básicas. Por exemplo, muitas histórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai: nesses contos, a morte do genitor cria os problemas mais angustiantes, tal como ela (ou o medo dela) o faz na vida real.

Nessa atualização, novos símbolos são estabelecidos, a personagem Branca de Neve passa a vestir, sempre, uma roupa cujas cores são azul, amarelo, vermelho e branco, por influência do longa produzido por Wall Disney. A Bela Adormecida veste azul e a Pequena

Sereia se casa com o príncipe em vez de morrer e virar espuma conforme o destino que lhe é dado por seu criador – Hans Christian Andersen.

Assim, é possível refletir que um novo imaginário coletivo é inaugurado a partir dessa produção de personagens em massa dos desenhos animados a partir da tecnologia. As narrativas não têm mais como fonte o folclore popular que se estabelecia em corrente oral a partir da contação. A fluidez da narrativa que dependia de quem contava, era recontada e recontada. Em relação as novas produções, as quais as crianças estão expostas e afeiçoam-se muito a elas, têm como estrutura básica a imagem fortemente estabelecida, o que faz o vínculo.

O ato de contar/ler outra vez não está mais tão presente e é substituído pelo assistir novamente, o que tornou-se pertinente para a família moderna, pois já não há mais tempo de contar histórias para o infante. Todavia nem sempre o conveniente é o melhor, visto que essa atitude vem inibindo a formação de leitores literários, uma vez que o prazer de assistir substitui o prazer de ouvir, de ler.

Martins (2011), baseada em seus estudos, percebeu que a instantaneidade da informação resulta em desinteresse, particularmente, pelas atividades de leitura, o que influencia diretamente na escrita, incapacitando os alunos para a reflexão, afirmando que:

o imediatismo estimulado principalmente pela internet apresenta um suceder contínuo de informações, sem que o indivíduo tenha condições, em curto espaço de tempo, de se aprofundar em um décimo do que lhe é apresentado. Sem a possibilidade de se ater a reflexões, a capacidade de argumentar também decai. (2011, p.137).

A criança que passa muito tempo entretida por meio da tela, torna-se, cada vez mais, desinteressada pela leitura, o que afeta negativamente seu desempenho linguístico, sua capacidade de concentração e criatividade. Evidencia-se com isso uma dicotomia entre a leitura dos contos promovida pelo livro e o ato de assistir à animação pelos meios digitais.

Na visão de Vygotsky (1998), a fase de inserção no mundo da cultura das crianças é anterior à fase escolar. Levando-se em consideração que, em tempos modernos, mesmo antes da fase escolar, muitas crianças já utilizam a mídia como entretenimento, as mesmas levam consigo esse conhecimento, mostrando, muitas vezes, comportamentos que se estabelecem relacionados a sua experiência prévia.

Os desenhos animados apresentam sempre imagens prontas, com isso, eles acabam prejudicando a criação de imagens mentais próprias, o que prejudica, com o tempo, a capacidade de criá-las interiormente.

Desse modo, é importante observar o tempo em que as crianças passam assistindo a desenhos animados, o que tem aumentado devido ao fácil acesso através das diversas mídias existentes na atual sociedade. Esse tempo em demasia ocupa o tempo que a criança poderia estar envolvida em outras atividades ou formas de entretenimento que ajudem em seu desenvolvimento físico e mental. Para enriquecer a vida de uma criança, Bettelheim (2014, p.11) afirma que “deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar clara suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam”. Para Vygotsky (1998), a imaginação surge originalmente da ação, do concreto. Sendo assim, se a criança passa muito tempo em um único entretenimento e não se envolve em diferentes ações, sua capacidade de imaginar poderá ficar limitada.

Após assistir algum desenho animado, é comum que as crianças queiram imitar os personagens, aparentemente, fantasiando-os. Entretanto, não há como distinguir o que é imitação e o que é imaginação. Acostumados a ver as imagens e não a pensar sobre elas, as crianças perdem a capacidade de imaginar e podem ter dificuldade de voltar à realidade, o que não acontece nos contos de fadas, pois segundo Bettelheim (2014) a forma que eles se desenvolvem, iniciando com uma simples descrição do mundo em que a trama acontece, depois dispara em acontecimentos fantásticos, finalizando com um final feliz, faz a criança voltar a realidade de forma serena.

Assim, os contos de fadas trazem inúmeros benefícios para o desenvolvimento do intelecto, pois ao ouvir ou ler contos de fadas, as crianças criam sua própria imagem, criam símbolos, compreendendo o que se passa em seu exterior através de representações abstratas. Para Bettelheim (2014, p.70) “as compreensões realistas são normalmente incompreensíveis para a criança, porque lhes falta o entendimento abstrato requerido para lhes extrair sentido”. Os contos de fadas esclarecem-nas, através do fantástico, aquilo que sua mente ainda não tem maturidade para compreender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um consenso geral que os contos de fadas exercem papel importante tanto no imaginário quanto no desenvolvimento infantil. Por meio de contos de fadas, as crianças conseguem entender melhor o que se passa em seu interior, o que as auxiliam em resolver problemas do cotidiano. Em relação ao imaginário, os contos de fadas fazem com que as

crianças possam criar novas imagens e viajar por ambientes nunca vistos, frutos de sua fantasia ao lerem ou ouvirem as histórias.

Com o avanço das tecnologias, muitos contos de fadas foram transformados em desenhos animados, o que fez com que o público infantil passasse também a assisti-los. Esses desenhos foram ficando cada vez mais modernizados, quando foram alterados os seus enredos respeitando o político correto no intuito de obter maior aceitação dos pequenos expectadores, apoiados por seus pais, além de aumentar a demanda industrial de produtos relacionados. O que só podia-se ser visto no cinema, hoje em dia pode ser assistido na televisão, computadores, *tablets*, e celulares. Assim, a mídia torna-se o principal veículo de entretenimento da maioria do público infantil. Por meio dela, as crianças podem se ocupar ao longo de muitas horas, garantindo a ordem do lar.

Diante dos excessos e dos possíveis danos que podem causar, é necessário que se esteja atento a quantidade e a qualidade do que se assiste, e mais ainda, é importante ser crítico em relação à ideologia que se esconde por trás do que se veicula nas mídias a partir dos desenhos animados: quem produz, quem patrocina, quem dirige e qual o apelo do mercado embutido nos novos personagens para que as crianças não fiquem tão expostas as influências do mundo capitalista.

Os desenhos animados, por mais simples que sejam, fascinam o público infantil, portanto, não há como escapar de sua forte influência sobre os telespectadores. As crianças acabam se identificando com a linguagem e comportamentos em situações parecidas com o que acontece em seu cotidiano. Desse modo, o que é visto pela criança nos diversos meios de comunicação, deve ser discutido junto à família, escola e os demais agentes sociais, já que estes meios são importantes fontes de influência para crianças, que tendem a repetir e assimilar o que é visto.

Diante desse cenário, este trabalho mostrou opiniões que encaram a mídia como exercendo influência negativa sobre o emocional e o imaginário da criança, criando obstáculos para o exercício da leitura e apassivando o público infantil diante do excesso, da falta da presença dos pais e do acervo que a criança tem acesso. Isso ocorre principalmente pelo domínio da classe capitalista, o que faz com que a mídia tenha um apelo para tornar os fatos indiscutíveis para a sociedade, por sua circulação e repetição contínua de suas informações.

Por esses fatores, alguns autores acreditam que é melhor fazer com que as crianças leiam um livro ou ouçam histórias, como contos de fadas, por exemplo, do que ficar a maior parte do tempo entretida com desenhos animados, seja qual for a fonte.

Nesse resgate, os contos de fada mostram-se importantes no desenvolvimento infantil, pois muitas vezes as crianças poderão ser apoiadas em sua realidade nas narrações infantis, seja por meio de brincadeiras, imaginação ou representação simbólica. Por ter sempre um personagem que vence enormes dificuldades para alcançar seus objetivos e por ser repleto de obstáculos a serem vencidos que sempre são superados, os contos dão as crianças, através do final feliz, a possibilidade de ressignificar suas próprias experiências, o que nem sempre podem ser chamadas de fáceis.

Entretanto, outros autores reconhecem que com a modernidade não se pode ficar blindado contra a mídia, e que esta deve ser aproveitada da melhor forma possível. Um desenho ou programa infantil dão a criança referências simbólicas que dão significado as suas experiências lúdicas através da interação com as músicas, imagens e muitos outros recursos que constituem a mídia.

Partindo-se de pontos de vista contrários e favoráveis à constante utilização da mídia pelo público infantil, existe a necessidade de que a família e a escola tentem fazer um equilíbrio entre o tempo em que as crianças utilizam a mídia como entretenimento e o tempo em que crianças possam ser entretidas com leituras e brincadeiras ao ar livre para lhes garantirem estímulos variados. Somente desta maneira, será possível a formação de um adulto crítico e socialmente saudável.

REFERÊNCIAS

AVG TECHNOLOGIES. **69% das crianças têm como primeira atividade o uso de um computador.** Publicado em 12 de Março de 2012. Disponível em: <<http://blog.winco.com.br/?s=69%25+das+crian%C3%A7as>>. Acesso em: 17 set. 2016, 10:28.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAINZOS, M. O consumo como tema transversal. In: BUSQUETS, M. D. et al. **Temas Transversais em educação:** bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1998.

CRUZ, Paulo. **C. S. Lewis e a Formação do Imaginário.** São Paulo; 2014. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit14/27-34PauloCruz.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2016, 09:50.

DESENHOS ANIMADOS. **A história dos desenhos animados.** Disponível em: <<https://desenhosanimado5.wordpress.com/a-historia-do-desenho-animado/>>. Acesso em: 03 mai. 2016, 16:12.

FARIAS Francly R., RUBIO, Juliana de Alcântar S. **Literatura Infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil** 2012. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – São Roque: 2012. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francly.pdf>> Acesso em: 01 mai. 2016, 10:06.

FREITAS, A. C. Leitura, literatura, inclusão: caminhos possíveis. In: AMARILHA, M. (Org.). **Redes de sentidos**. Brasília: Liber Livro, 2010.

LEWIS, C. S. A experiência de ler. In: CRUZ, Paulo. **C. S. Lewis e a Formação do Imaginário**. São Paulo; 2014. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit14/27-34PauloCruz.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2016, 09:50.

MARTINS, Maria Angelica Seabra Rodrigues. **Ética, educação e aprendizagem no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.19.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos**. Campinas: Papyrus, 1998.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.19.

ROJAS, Thiago. **A Origem do Desenho Animado**. Blog Art info. Disponível em: <<http://artecuriforme.blogspot.com.br/search?q=desenho+animado>>. Acesso em: 10 out. 2016, 20:46.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. **Da recepção à produção de mídia: as crianças, a cultura e a educação**. Revista Alceu, v. 7, nº13, p. 165-181, jul./dez. 2006.

SANTOS, Jocelaine. **Uso de tecnologia por crianças: benefício ou perda da infância?** Publicado em 20 de Abril de 2015. Disponível: <<http://www.semprefamilia.com.br/uso-de-tecnologia-por-criancas-beneficio-ou-perda-da-infancia/>>. Acesso em: 17 set. 2016, 11:38.

SMITH, Frank. Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. In: FREITAS, A. C. Leitura, literatura, inclusão: caminhos possíveis. In: AMARILHA, M. (Org.). **Redes de sentidos**. Brasília: Liber Livro, 2010.

TOLKIEN, J. R. R. Sobre histórias de fadas. In: CRUZ, Paulo. **C. S. Lewis e a Formação do Imaginário**. São Paulo; 2014. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit14/27-34PauloCruz.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2016, 09:50.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.